

Revista Brasileira de Cartografia (2015), Edição Especial de Cartografia Histórica: 715-728
Sociedade Brasileira de Cartografia, Geodésia, Fotogrametria e Sensoriamento Remoto
ISSN: 1808-0936

A EVOLUÇÃO DA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE A PARTIR DA CARTOGRAFIA

The Evolution of the Greater Recife Through Cartography

Lucilene Antunes Correia Marques de Sá & Thatiana Lima Vasconcelos

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Programa de Pós-Graduação em Ciências Geodésicas e Tecnologias da Geoinformação Departamento de Engenharia Cartográfica

Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n – 50740-530 - Cidade Universitária – Recife – Pernambuco

lacms@ufpe.br

tlvasconcelos@gmail.com

Recebido em 12 de Janeiro, 2012/ Aceito em 14 de Fevereiro, 2012

Received on January 12, 2014/ Accepted on February 14, 2012

RESUMO

A cartografia pode contar a história de um povo, de uma cidade e de um país. Os mapas históricos estão relacionados aos eventos que marcam uma era. Esta pesquisa teve como objetivo recuperar a cartografia do Recife para mostrar o processo de criação da cidade. Recife foi fundada pelos Portugueses e mais tarde dominada pelos holandeses. Os mapas mostram-nos como aconteceu o domínio holandês no Recife e no resgate da cidade por brasileiros, ainda no domínio Português. A metodologia utilizada foi baseada em pesquisa bibliográfica e análise de antigos documentos cartográficos. O resultado é uma exposição com a visualização cartográfica da evolução de um povo e de uma das principais capitais do Brasil.

Palavras-Chaves: Cartografia, Região Metropolitana do Recife, Mapas Históricos.

ABSTRACT

The cartography can tell the story of a people, a city, and a country. The historic maps are related to events that mark an era. This research was aimed at recovering the cartography of Recife to show the process of creating the city. Recife was founded by the Portuguese and later dominated by the Dutch. The maps show us how happened the Dutch domain in Recife and the rescue of the city by Brazilians, still in the Portuguese domain. The methodology used was based on literature search and collection of ancient cartographic documents. The result is an exhibition with the cartographic visualization of the evolution of a people and one of Brazil's main cities.

Keywords: Cartography, Recife Metropolitan Region, Historical Maps.

1. INTRODUÇÃO

Nos primeiros anos do descobrimento do Brasil não havia por parte de Portugal a preocupação em implantar povoados para colonização. Esta fase da história brasileira foi marcada pelo extrativismo. As feitorias eram responsáveis pelo escoamento dos produtos

obtidos na colônia enviados ao reino. Para facilitar o transporte ficavam próximas aos portos.

Em março de 1534 foram criadas as Capitânicas Hereditárias, que tinham como objetivo povoar a colônia para proteger as terras descobertas de invasores. O Brasil foi dividido em Capitânicas Hereditárias, formada por faixas lineares de terra,

um ancoradouro natural que se comunicava com o rio Capibaribe, o qual permitia subir cerca de 10km a Oeste em direção ao cinturão de morros terciários oriundos da Formação Barreira. Na península situada a frente deste privilegiado ancoradouro natural, consolidou-se um pequeno povoado em função das atividades de exportação do açúcar.

O donatário da capitânia de Itamaracá, Figura 3, o navegador Pero Lopes de Sousa estabeleceu a sede da capitânia sobre uma colina na Ilha de Itamaracá, no vilarejo chamado Nossa Senhora da Conceição. A vila é conhecida hoje como Vila Velha. No local ainda são mantidas as características da época, com poucas casas e uma igreja. O vilarejo de Goiana tornou-se à capital de Itamaracá, posteriormente.

A Figura 3 mostra a costa pernambucana no início do século XVII, trata-se de um original manuscrito encontra-se no Arquivo Nacional Algemeen Rijksarchief em Haia na Holanda. Ao centro, pode-se observar a vila de Nossa Senhora da Conceição em Itamaracá, tendo à frente o Forte Orange. Do lado esquerdo, sobre uma colina, um acesso por via fluvial (rio Igarassu), e a vila de Igarassu. No extremo norte

da capitânia de Pernambuco, poucos anos antes de ser dominada pelos Holandeses, especula-se que a vila de Igarassu tenha sido parcialmente destruída.

A crescente demanda no mercado Europa pelo açúcar aliada as condições naturais de solo e clima favoráveis ao plantio da Cana de Açúcar, incentivaram a implantação de diversos engenhos por toda a capitânia. Sangrentos conflitos foram travados com os indígenas que procuravam defender suas terras, mas que sempre acabavam por ser escravizados ou afugentados para locais mais distantes.

Assim, o início do XVII ficou marcado pelo surgimento de vilarejos e de engenhos de açúcar. Alguns engenhos foram se instalando ao longo rio Capibaribe, que se firmou como hidrovia de escoamento da produção até o porto natural próximo a sua foz. Os povoados de São Lourenço da Mata e Várzea merecem destaque nessa época.

Ao Sul da capitânia de Pernambuco a ocupação também se consolidou através da penetração de dois importantes rios da região, o Jaboatão e o Ipojuca. O povoado de Santo Amaro de Jaboatão surgiu junto ao rio Jaboatão

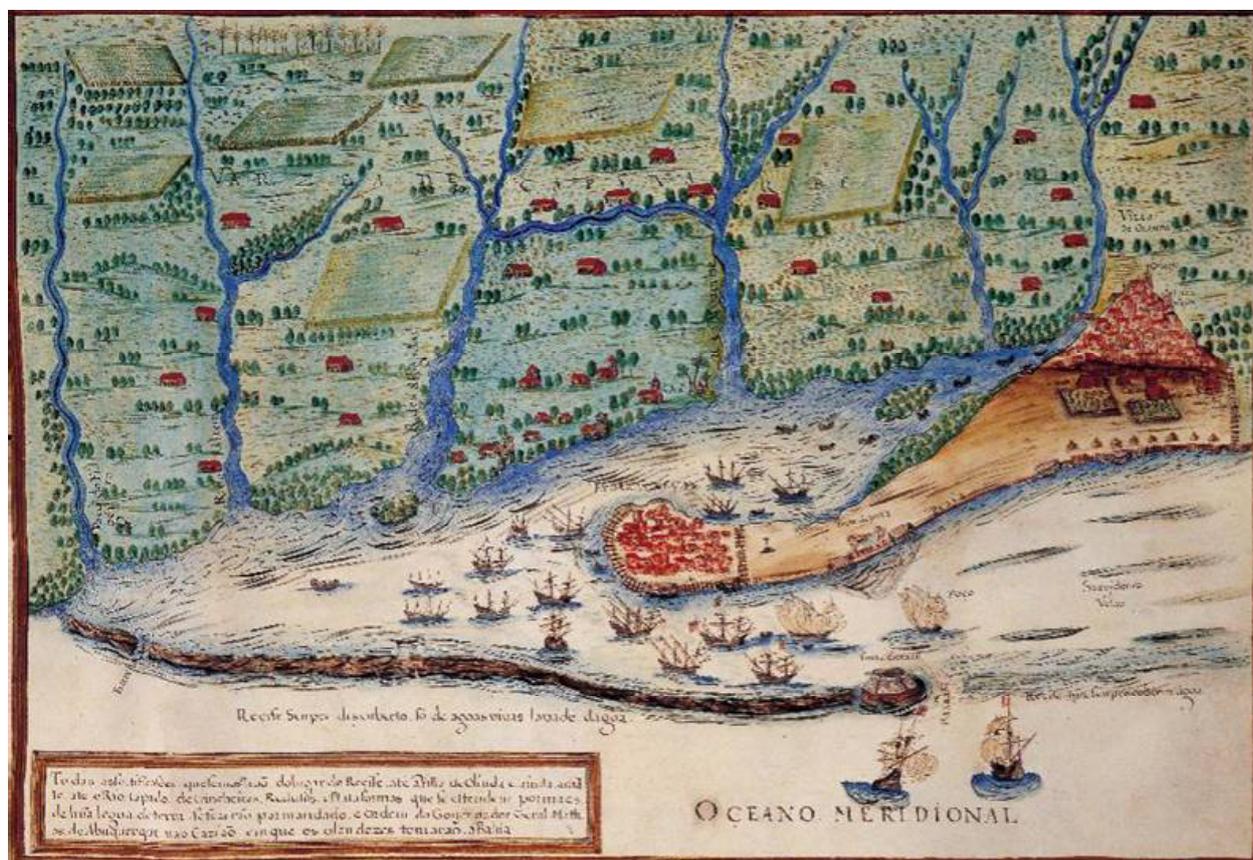


Fig. 2 – Recife e Olinda – 1616.

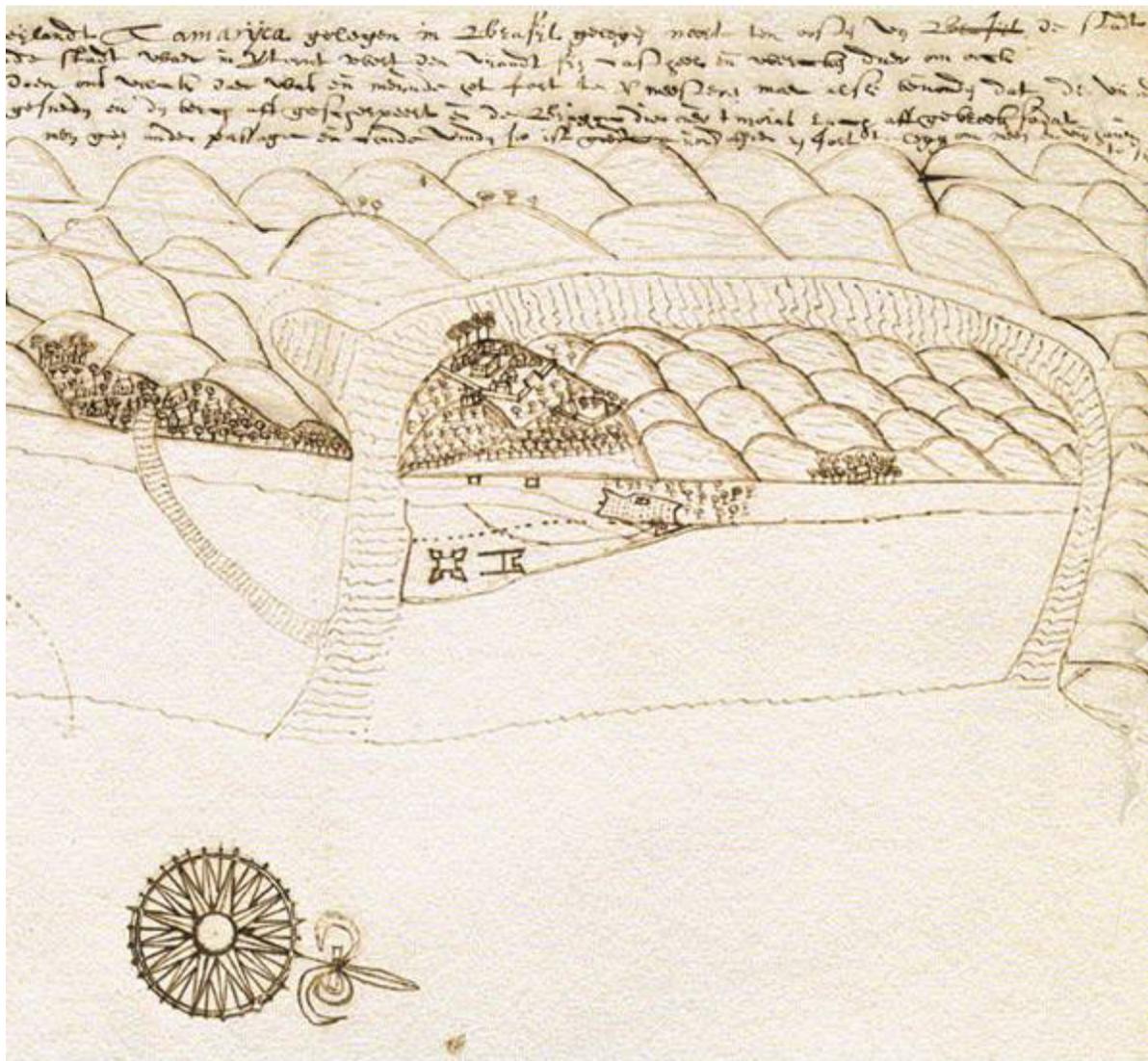


Fig. 3 - Itamaracá e Igarassu – 1630.

e no trecho do baixo do rio Ipojuca, surge a localidade de Ipojuca. Nesta mesma região destaca-se a formação das cidades de Cabo de Santo Agostinho e de Serinhaém. Jaboatão teve o seu povoado fundado a partir de 1593, por Bento Luiz Figueira, terceiro proprietário do Engenho São João Batista, hoje, Usina Bulhões.

A Figura 4 mostra uma descrição do momento das lutas no ano de 1634, para a tomada, pelos holandeses, da ilha em frente ao Cabo de Santo Agostinho e mostra a povoação de Nossa Senhora de Nazaré, conservada por algum tempo pelos portugueses. A ilha foi denominada Walcheren, pelos seus novos ocupantes. Nazaré é representada esquematicamente, mas as posições das tropas, das fortificações e dos navios são indicadas com detalhes. Isto reforça a tônica militar da produção cartográfica desta época. O original deste mapa encontra-se no arquivo Deventer, Holanda, cujos habitantes

foram contribuintes da Companhia das Índias Ocidentais (WIC).

Uma das imagens mais antigas que se tem registro de Olinda e da então Ribeira Marinha dos Arrecifes, datada de 1609, tem sua autoria atribuída a Diogo Moreno, com o título de “Prespectiva da Vila de Olinda de Pernambuco”. Neste documento cartográfico é possível visualizar a povoação do Recife, com a ilha de Marcos André já com o convento de Santo Antônio e algumas casas na linha de costa. É possível visualizar à esquerda, o canal entre a ilha de Marcos André e a ilha André de Albuquerque.

O original encontra-se no Arquivo Nacional Torre do Tombo em Lisboa, Portugal.

Até a chegada dos holandeses em 1630, a ocupação daquelas terras não se modificaria muito, permanecendo restrita ao trecho próximo ao. Mas, a partir de 1638 passa a ser conhecida como Velha Maurícia.

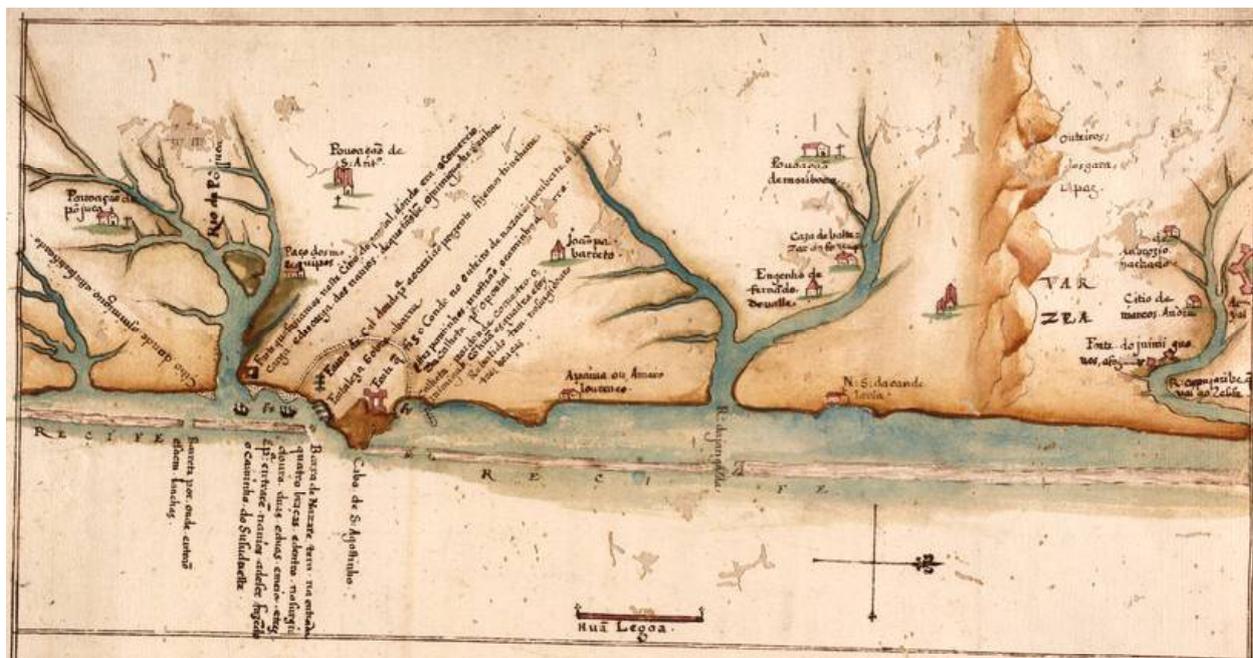


Fig. 4 - Foz do rio Ipojuca e do Capibaribe, Pedro Nunes Tinoco, 1636.

No início do século XVII têm-se informações da consolidação de alguns povoados, que mais tarde viriam a fazer parte dos municípios da Região Metropolitana de Recife: Igarassu, Ipojuca, Itamaracá, Jaboatão dos Guararapes, Olinda, Recife e São Lourenço. Porém, é durante o período de dominação holandesa, que segue este momento da história, que alguns destes povoados realmente passaram grandes transformações urbanas.

2.1 As transformações do período holandês

Neste período da história, Recife vive as maiores transformações em seu espaço físico, mangues são aterrados, pontes são construídas, camboas são drenadas. De 1630 a 1654, com todas as melhorias, o Recife passa a ser capital de Pernambuco. Olinda é destruída por um incêndio em 1630.

Os Holandeses precisavam conhecer o espaço físico do Recife isto era imprescindível para construir suas habitações e fortificações. Dois elementos são importantíssimos testemunhos da paisagem de Recife e Olinda daquela época: a pintura de Gillis Peeters e a carta de Andreas Drewisch Bongesaltensis.

O mapa preparado por Andreas Drewisch Bongesaltensis (Figura 6) foi profundamente investigado por Gonçalves de Mello, que pressupõe ser a primeira planta do Recife após a ocupação holandesa. Drewisch teria viajado para o Recife em setembro de 1630. A sua

presença é comprovada através de documentos que datam de janeiro de 1631. A carta do Recife, de sua autoria, é de julho de 1631. Até o ano de 1635, há notícias de sua permanência no Recife. MELLO (1976).

A planta (Figura 6) mostra cuidadosamente as defesas holandesas levantadas no Recife e na Ilha de Antônio Vaz e indica uma série de obras realizadas pelos holandeses. Os Fortes do Picão (conhecido também como Forte do Mar) e de São Jorge foram construídos pelos portugueses. Uma das fortificações mais importantes, o Forte Ernesto, foi construído ao redor do Convento Franciscano de Santo Antônio, servindo de sede para a administração militar do local. Ao Sul da ilha de Antônio Vaz, foi construída uma linha de fortificações (hornaveque). Nas proximidades existe uma casa onde residiu Maurício de



Fig. 5 – Trecho da “Prespectiva da Villa de Olinda” de Diogo de Campos Moreno – 1609.

Nassau, entre 1637 e 1642. Outra importante construção militar, segundo a carta, foi o Forte do Brum (de Bruyn) ao Norte do Forte de São Jorge, construído segundo projeto de Commersteijn. Na extremidade mais ao Sul da ilha está o Forte Fredrick Henrick, conhecido, hoje, como Forte das Cinco Pontas. De igual importância defensiva foi a construção da muralha ao redor do Recife. Esta obra em alvenaria era protegida por estacas nos limites com a água.

O desenho de Drewisch mostra o Recife na invasão holandesa. Maurício de Nassau efetuou obras urbanas que alteraram o aspecto físico da cidade. É um trabalho de caráter técnico, bem elaborado e com rigor métrico pertinente a técnica da época.

A imagem pintada por Peeters (Figura 7) é uma maravilhosa imagem de Recife a partir de Olinda, mostrando uma intensa movimentação de embarcações no porto, e os fortes do Brum e do Buraco, o povoado do porto, as construções espalhadas pela Ilha de Antônio Vaz, e ainda, os fortes do Ernesto e das Cinco Pontas. A pintura se assemelha muito ao mapa de 1631.

Com a chegada do conde alemão, João Maurício de Nassau-Siegen, em janeiro de 1637, aconteceram os primeiros melhoramentos no porto e a execução do primeiro plano urbanístico da cidade do Recife.

Neste momento o governo passou a residir no Recife, onde estava erguida a cidade Maurícea (Mauritzstadt) segundo os moldes norte-europeus, sobre a então chamada ilha de Antônio Vaz (atual bairro de Santo Antônio e uma parte do bairro de São José). A Ilha era basicamente guarnecida por duas fortalezas:

ao Norte pelo Forte Ernesto, ao Sul, pelo Forte das Cinco Pontas como pode ser observado na Figura 8.

Porém era necessário ligar a ilha de Antonio Vaz ao porto do Recife e ao continente para tanto, foram construídas duas pontes. Uma ligava a Cidade ao istmo e a outra, a ponte da Boa Vista, ligava a Ilha ao continente, ambas construídas em 1644. Profundas transformações se sucederam no espaço físico recifense, indicando que neste momento a cidade começa a crescer sobre as águas.

Segundo Barreto (1994) na “área central de Antônio Vaz, foram abertos ou fechados, conforme houvesse necessidade, camboas, canais, ou ainda, aterrados, locais alagadiços e encharcados, incorporando novos espaços à expansão urbana. Do mesmo período, foram o saneamento e a arborização da ilha, apontados pelos estudiosos como os primeiros do continente sul-americano. O saneamento do solo feito com a abertura de canais, além de drenar a cidade, fornecia material de aterro para a ampliação de terra firme, favorável às construções.

Na carta de 1639 (Figura 8), pertencente ao Atlas Vingboons, pode-se observar o plano urbanístico da Cidade Maurícea elaborado por Pieter Jansz Post (1608 – 1669) foi um arquiteto e pintor holandês e irmão mais velho de Frans Post. Ele foi o criador do estilo barroco neerlandês junto com Jacob Campen. Segundo Mello (1987), onde se lê em holandês: *de nieu afgesteecken Stadt* ou “a nova cidade projetada”, mais tarde conhecida como *Nieuw Mauritsstadt* ou Nova Cidade Maurícia. A sua localização atual seria o bairro de São José. O palácio de

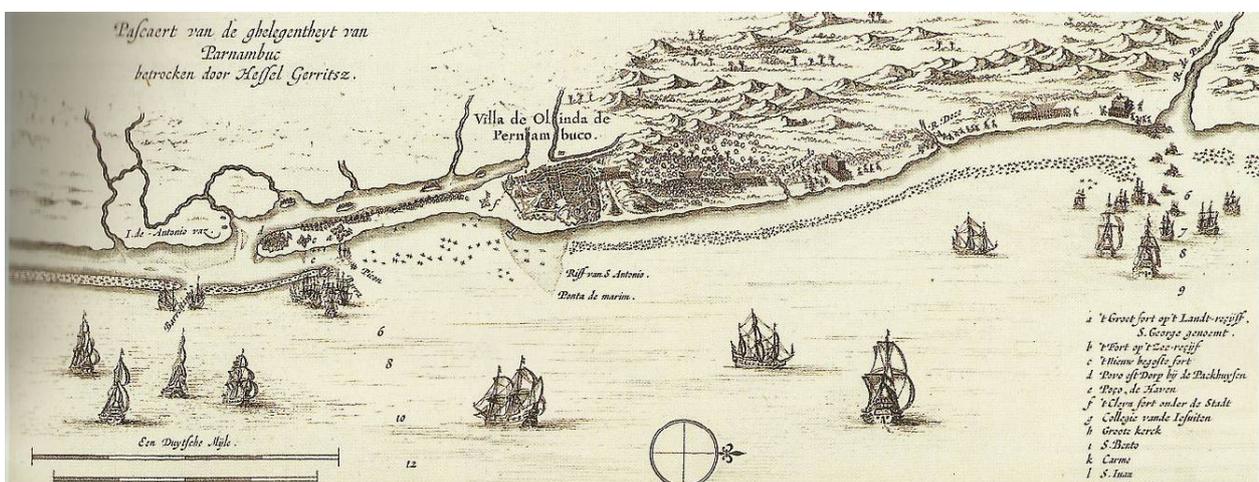


Fig. 6 – Carta Comemorativa da Conquista de Pernambuco por Hessel Gerritsz em 1630.



Fig. 7 - Recife e seu porto, Gillis Peeters, 1637.

Maurício de Nassau é representado com jardins na extremidade à direita da ilha de Antônio Vaz com as pontes que ligavam o bairro do Recife ao continente e à ilha. O plano urbanístico de previa ainda a ampliação da cidade Maurícia com a inclusão de um número maior de fileiras de quadras e uma praça central, dividida ao meio por um canal.

MELLO NETO (1987) afirma que ainda não foi possível determinar o quanto dessa Nova Maurícia foi efetivamente construído e presume que os mapas existentes mostram apenas os projetos e não o que havia na realidade. É sabido que por questões de segurança quase tudo o que havia entre a atual igreja do Espírito Santo (construída no lugar da igreja calvinista) e o forte das Cinco Pontas foi demolido a partir de 1645, principalmente as habitações que Maurício de Nassau teria mandado construir para a população pobre.

O estudo do Inventário dos Prédios verificou que a maior parte das edificações existentes em Antônio Vaz em 1654 (em torno de 80% do total) localizavam-se na Velha Maurícia, o que parece comprovar que a área do atual bairro de São José não estava totalmente ocupado ao final do domínio holandês. Por essa época, foram inventariados os palácios mandados construir por Nassau: o da Boa Vista (*'t huijs Boa Vista genaemt* – a casa chamada da Boa Vista) e o de Vrijburg ou Friburgo; os fortes Ernst e Cinco Pontas; a Porta Sul de Maurícia e alguns redutos próximos ao aterro dos Afogados (atual rua Imperial) e algumas casas pertencentes a judeus, holandeses e portugueses. (NEVES e MENDONÇA JÚNIOR, 2007)

O mapa da Figura 9 mostra o Recife, a cidade Maurícia, Olinda e parte da Várzea, datado de 1648, a melhor representação gráfica

do Recife elaborada durante o domínio holandês. O autor deste mapa, Golijath, estava no Brasil desde 1635. No início da década de 1640 era o cartógrafo do governo em Pernambuco. Os trabalhos de levantamento para elaboração dos mapas foram iniciados em 1638 e existem referências oficiais de remessa para a Holanda dos desenhos, em abril de 1639, por iniciativa do Conde Maurício de Nassau.

A descrição inclui uma vasta área ao redor do Recife e de Olinda, com referências detalhadas de uma série de informações sobre a localização de engenhos importantes, e o cemitério dos judeus. Em Olinda é registrada a presença de uma obra importante, o canal de pedra, que conduzia água do Beberibe para a cidade, construído pelo Governador-Geral Diogo Botelho, entre 1602 e 1603. A obra com mais de uma légua de extensão foi representada com precisão no mapa.

A cidade de Olinda apresenta algumas áreas construídas em frente a Igreja Matriz. Destaca-se o parcelamento do solo, em área onde o desenho mais antigo apresenta vegetação, como na parte da gravura em que o autor aproveitou para escrever *Civitas Olinda*. A quadra, que fica a seguir ao Norte e duas outras a Oeste da Misericórdia, estão subdivididas e, em algumas partes, foram hachuradas, como se já tivessem sido edificadas.

3. DO SÉCULO XVIII AO INÍCIO DO SÉCULO XX

Mesmo após a expulsão dos holandeses, o progresso no aglomerado central não parou e, em 1709, Recife passou à condição de vila, o que motivou a Guerra dos Mascates devido à rivalidade com Olinda, então sede da Capitania.

No início do século XVIII o núcleo central estava bem consolidado com a cidade crescendo lentamente de forma tentacular, partindo do centro para o interior acompanhando as vias de circulação que se desenvolviam obedecendo aos condicionantes topohidrográficos, bem como através de hidrovias e ferrovias (Maxambomba). Os engenhos destas áreas foram aos poucos subdividindo-se em sítios e lotes que posteriormente foram dando origem a alguns bairros: Madalena, Torre, Derby, Beberibe, Apipucos e Várzea.

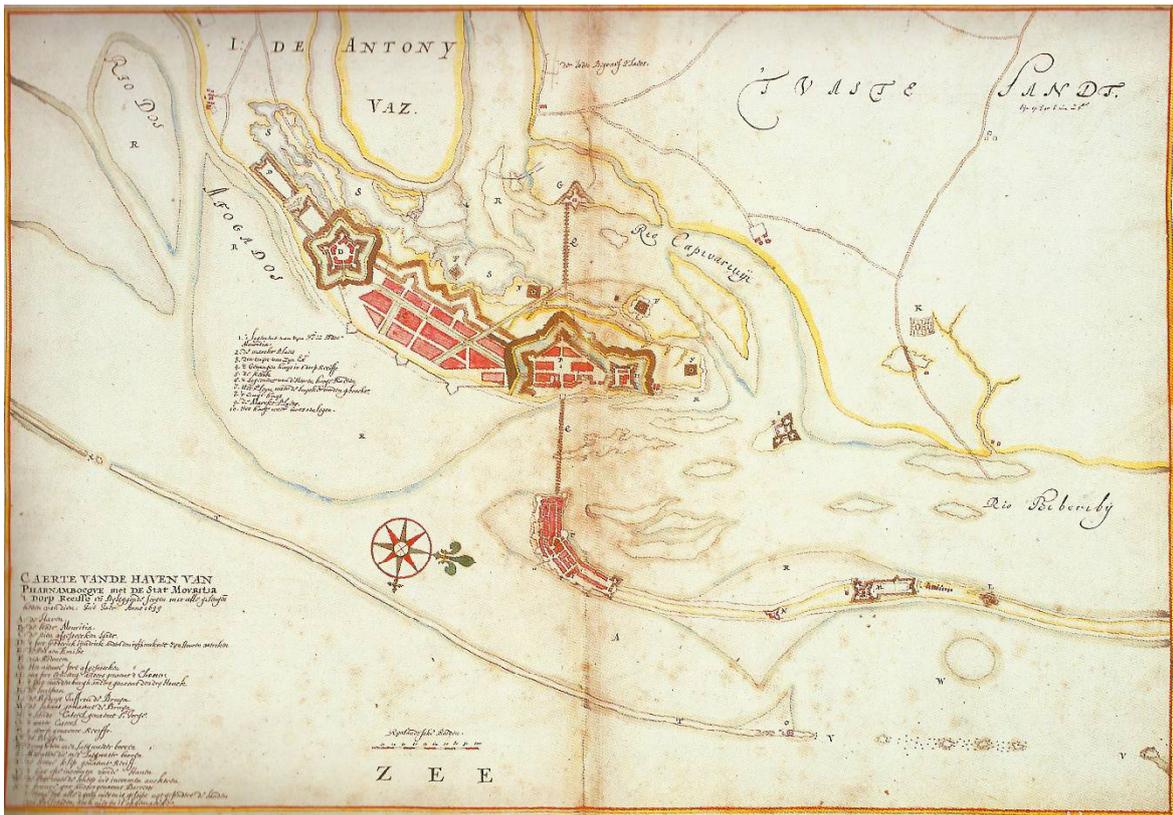


Fig. 8 – Recife – 1639 – Ilha de Antonio Vaz.



Fig. 9 – Perfect Caerte der Gelegen theyt van Olinda de Pharnambuco Mauritsstadt ende t'Reciffo de Cornelis Goliath, de 1648.

A Figura 10 é de 1771, refere-se ao Plano da Villa de Santo Antonio do Recife de Pernambuco. É um desenho que guarda estreita relação com o levantamento existente no Arquivo Distrital de Évora (PERNAMBUCO, 1998) e com o original de Antonio Albino de Amaral, de 1775, existente no Arquivo Histórico do Exército no Rio de Janeiro. A data pode ser estimada, comparando-se as instalações existentes no bairro da Boa Vista. A esquerda do mapa as áreas construídas estão indicadas nos mapas de Vilhena (1773-1803) e de Antonio Albino do Amaral (1775).

No início do século XIX, houve um grande desenvolvimento na cidade, em especial no bairro da Boa Vista que cresceu em direção ao Derby e Santo Amaro (neste momento existia a ligação com Santo Antônio e São José através das pontes da Boa vista e Princesa Isabel, em homenagem a princesa. Em 1823 a vila do Recife passou a ser cidade e, finalmente, em 1827 foi elevada à condição de capital. O crescimento da cidade foi indiretamente ligado ao fato da “abertura dos portos às Nações Amigas”, em função da chegada da família real portuguesa ao Brasil. Posteriormente, no final do século XIX a abolição da escravatura gerou um grande movimento migratório dos escravos para a cidade em busca de melhores condições de vida, surgindo então, os Mocambos.

Neste momento da história, as áreas mais adensadas da cidade eram Santo Antônio e São José, que já mostravam uma malha urbana consolidada e bem definida, apresentando ruas longas que se orientavam no sentido longitudinal (norte/sul), sendo cortados ortogonalmente por travessas e ruas de menor porte. O bairro de São José começava a confirmar sua vocação para o comércio, pois parte de seus sobrados apresentavam comércio no pavimento térreo e habitação nos superiores, bem como a presença do Mercado de São José. A malha urbana está bem definida e apresenta alguns pátios e o largo do mercado.

A cartografia mais importante deste período a segundo Barreto (1994, p. 49) é uma planta da cidade do Recife e seus Arrabaldes de 1870, sendo uma litografia de Francisco Henrique Carls retirada do Livro *Arrabaldes do Recife*, cujo autor é F. A. Pereira da Costa. A planta confirma o crescimento tentacular da

cidade e mostra a consolidação de importantes elementos de penetração do continente, como a Av. Caxangá, o rio Capibaribe, o projeto da estrada férrea de Jaboatão e a estrada do sul.

A cartografia mais importante do início do século XX é este mapa de 1906 intitulada “Planta da Cidade do Recife” (Figura 11), escala de 1:10.000, reproduzido dos levantamentos da cidade feitos por Sir. Douglas Fox e Sócios & H. Michell Whitley, membros do Instituto de Engenharia Civil de Londres.

4. DAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX ATÉ HOJE

Na primeira metade do século, o Recife assume o caráter de um grande centro de atração de imigrantes. Entre outros motivos que explicam este fato, estão o processo de industrialização e a desarticulação dos antigos sistemas de produção rural. Esta desarticulação privilegiou os grandes latifundiários expulsando os menores que, sem condições de produzir, vendiam suas terras e vinham em busca de melhores condições de vida na cidade grande.

Entre os anos 20 e 40 o Recife teve um crescimento populacional da ordem de 46%, no entanto, a oferta de bens e serviços coletivos não cresceu na mesma proporção. É importante ressaltar que em 1938, o então prefeito, Novaes Filho, proibiu a

construção de mocambos e as favelas passaram a ser reconhecidas oficialmente nas estatísticas e na Cartografia da cidade.

O documento cartográfico que mostra esta realidade é a Planta da Cidade do Recife e seus Arrabaldes do ano de 1932 (Figura 12) produzida pela Prefeitura do Recife. Esta planta traz informações sobre o processo de consolidação de alguns bairros populares e da penetração da população em direção ao Sul e Oeste.

A planta permite observar que a parte central da cidade crescia em direção a Afogados até os bairros do Ipiranga, Estância e Areias sempre pelo eixo das já existentes Avenida José Rufino e Rua São Miguel. Para o Sul deslocava-se pelo Cabanga, atingido o Pina. Nas avenidas Herculano Bandeira e a Beira Mar haviam habitações esparsas, com uma maior concentração só próximo à Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem.

A maior concentração urbana se localizava

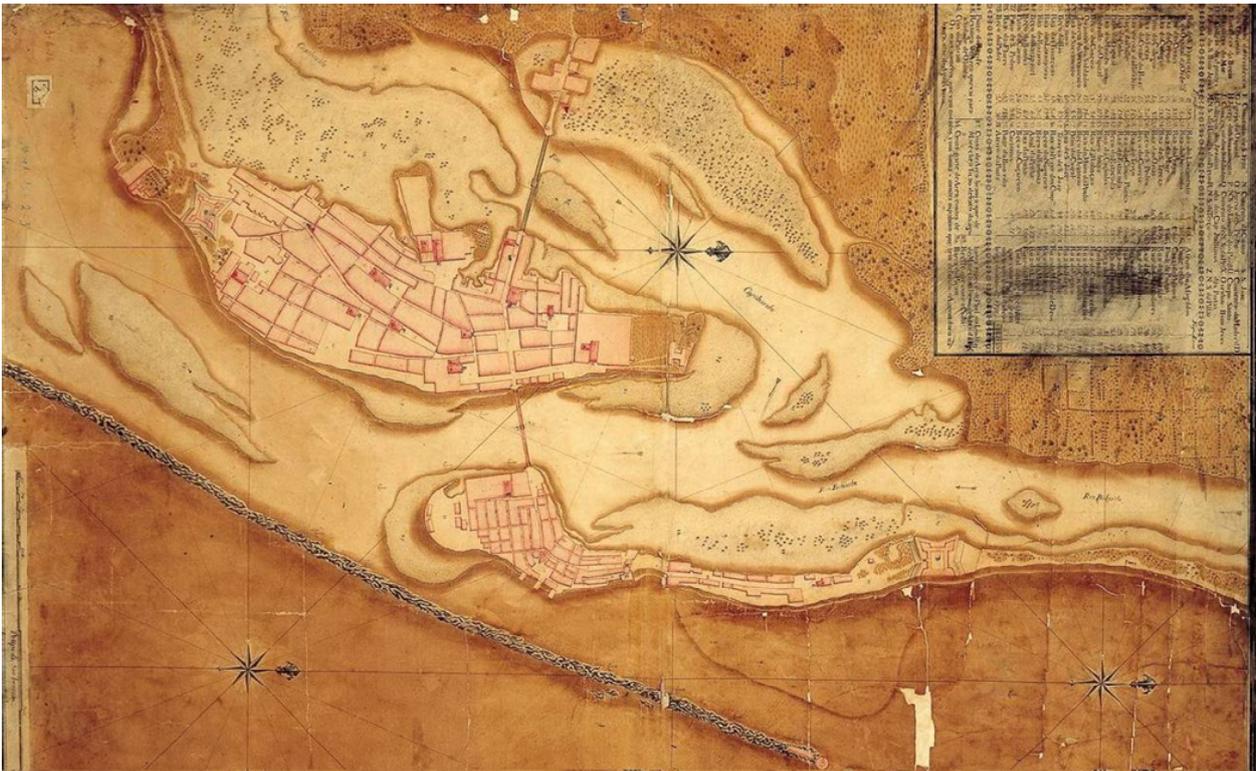


Fig. 10 – Recife e Cidade Maurícia – 1771.

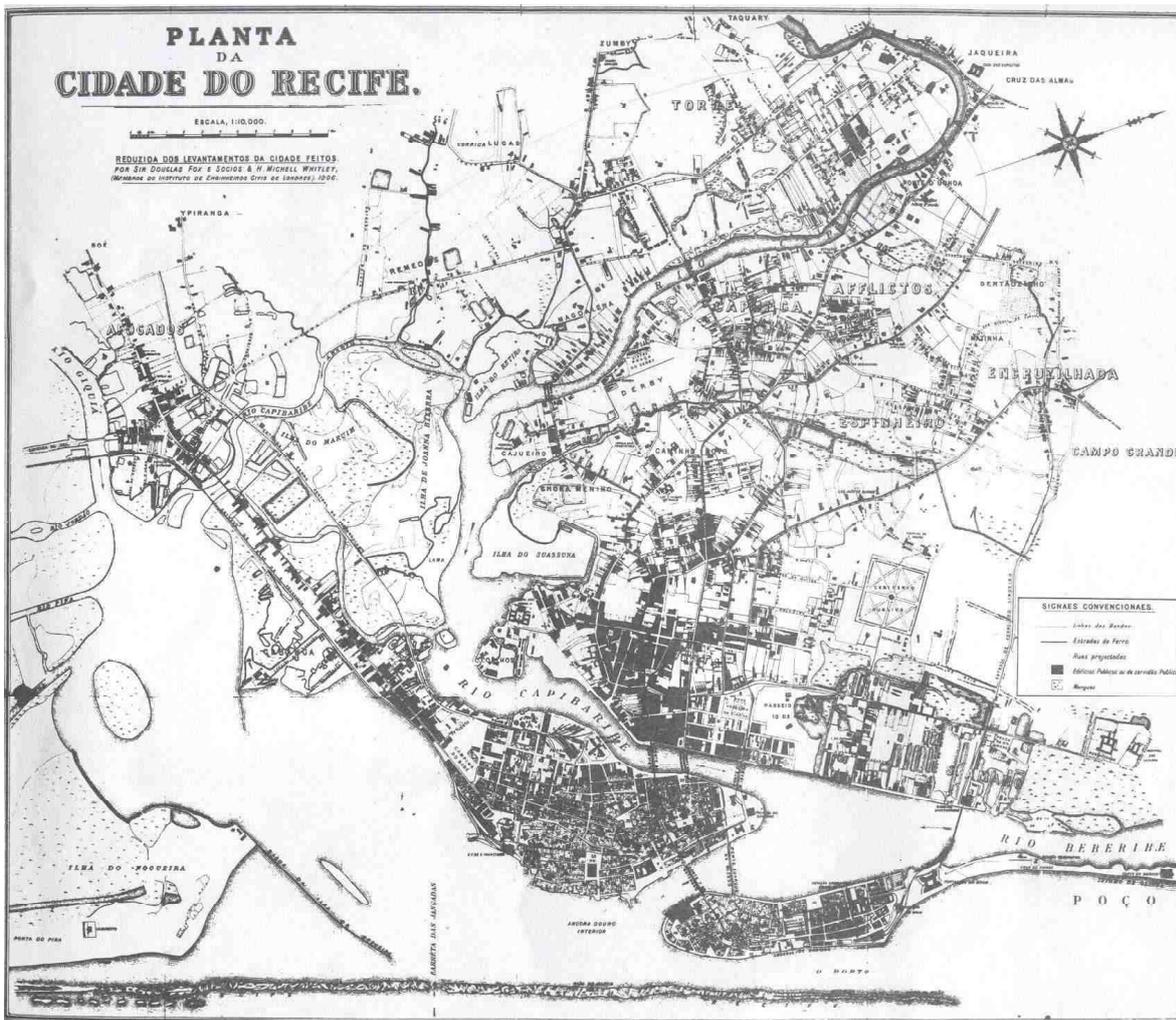


Fig. 11 – Recife e São José, Santo Antônio, Boa Vista e parte de Santo Amaro

às margens do Capibaribe, direcionando-se para o Derby, Capunga, Ilha do Leite, Coelhos, Graças, Aflitos, Espinheiro, Santo Amaro, Encruzilhada e Campo Grade, estes três últimos mais próximos à bacia do Beberibe.

A cidade cresceu aceleradamente, “incorporando antigos mangues, alagados, aterrando o leito dos rios, ou mesmo subindo os morros, onde até então, o verde da Mata Atlântica refletia sereno nas águas que cortavam a planície” (BARRETO, 1994).

A ocupação dos morros, notadamente os da zona Norte da cidade, deu-se também em função da política de erradicação dos mocambos promovida pelo então governador Agamenon Magalhães.

Durante o início da segunda metade do século XX, o Recife ainda apresentava um certo crescimento que foi diminuindo, sensivelmente, como mostra a Tabela 1.

A Planta da Cidade do Recife e seus Arredores do ano de 1951 (Figura 13), escala 1:20.000, é um elemento importante para a análise do início do processo de Conurbação Urbana entre Recife e os municípios de Jaboatão e Olinda.

Outros elementos importantes a serem observados na Figura 13 são a consolidação da zona Sul da Cidade, que além das vias próximas ao mar, apresenta a Avenida Mascarenhas de Moraes com a malha urbana dos bairros da Imbiribeira bem definida. Nota-se a presença do Aeroporto Internacional dos Guararapes. A Sudoeste observa-se a existência do Jordão, da BR 101, e das atuais Unidades Residenciais -UR. 1, 2 e 3.

Jaboatão por sua vez vem ao encontro do Recife fundindo-se nos morros dos bairros de Tejipió, Coqueiral, Sancho e Alto da Bela Vista.

Ao Norte do município observa-se o

princípio da ocupação nos morros, como Morro da Conceição, Alto José do Pinho, Alto Santa Teresinha, do Deodato, da Esperança, Nova Descoberta, Vasco da Gama e Córrego do Boleiro.

A partir da década de 70, o processo de metropolização da cidade começa a se consolidar tornando-se uma grande mancha. Para gerir este processo foi criada pela Lei Complementar nº. 14 de 09/06/73, a RMR vinculando municípios e mantendo-os independentes administrativamente. Os Conselhos Deliberativos e Consultivos da Região Metropolitana do Recife foram instituídos. Em 03/07/75 foi criada a Fundação de Desenvolvimento da Região Metropolitana do Recife – FIDEM - como órgão de apoio técnico para estes conselhos.

Quando a FIDEM foi fundada, doze municípios eram legalmente reconhecidos: Abreu e Lima, Camaragibe, Cabo, Itapissuma, Itamaracá, Igarassu, Jaboatão, Moreno, Olinda, Paulista, Recife e São Lourenço da Mata. Atualmente, estão agregados a RMR, os municípios de Ipojuca, Igarassu e Araçoiaba, totalizando quatorze.

Com a FIDEM a Cartografia no Recife teve um imenso impulso de reprodução e na qualidade. Foram produzidos diversos documentos cartográficos, em diferentes escalas. Ao longo das últimas décadas alguns recobrimentos aerofotogramétricos foram executados para a construção das bases cartográficas, notadamente sobre a Região Metropolitana do Recife.

Os principais vôos fotogramétricos realizados foram os descritos na Tabela 2.

O vôo 1974, deu origem as Ortofotocartas de 1978 na escala de 1:10.000.

As cartas de nucleação que apresentavam defasagem em relação aos municípios mais extremos da RMR notadamente a Araçoiaba e Ipojuca foram atualizadas com o vôo de 97/98

Com estes vôos foi possível elaborar documentos cartográficos que cobrissem toda a RMR.

A FIDEM há algum tempo já vem disponibilizando as plantas da UNIBASE em mídia magnética. Mais recentemente, no ano de 2001 esta autarquia disponibilizou as cartas de nucleação atualizadas em mídia magnética nos formatos de arquivos CAD.

Tabela 1: Crescimento Populacional

| ANO | POP (1.000 hab) |
|------|-----------------|
| 1913 | 230.9 |
| 1950 | 468.6 |
| 1960 | 797.2 |
| 1970 | 1.084.4 |
| 1980 | 1.209.2 |
| 1991 | 1.298.2 |
| 2000 | 1.421.9 |

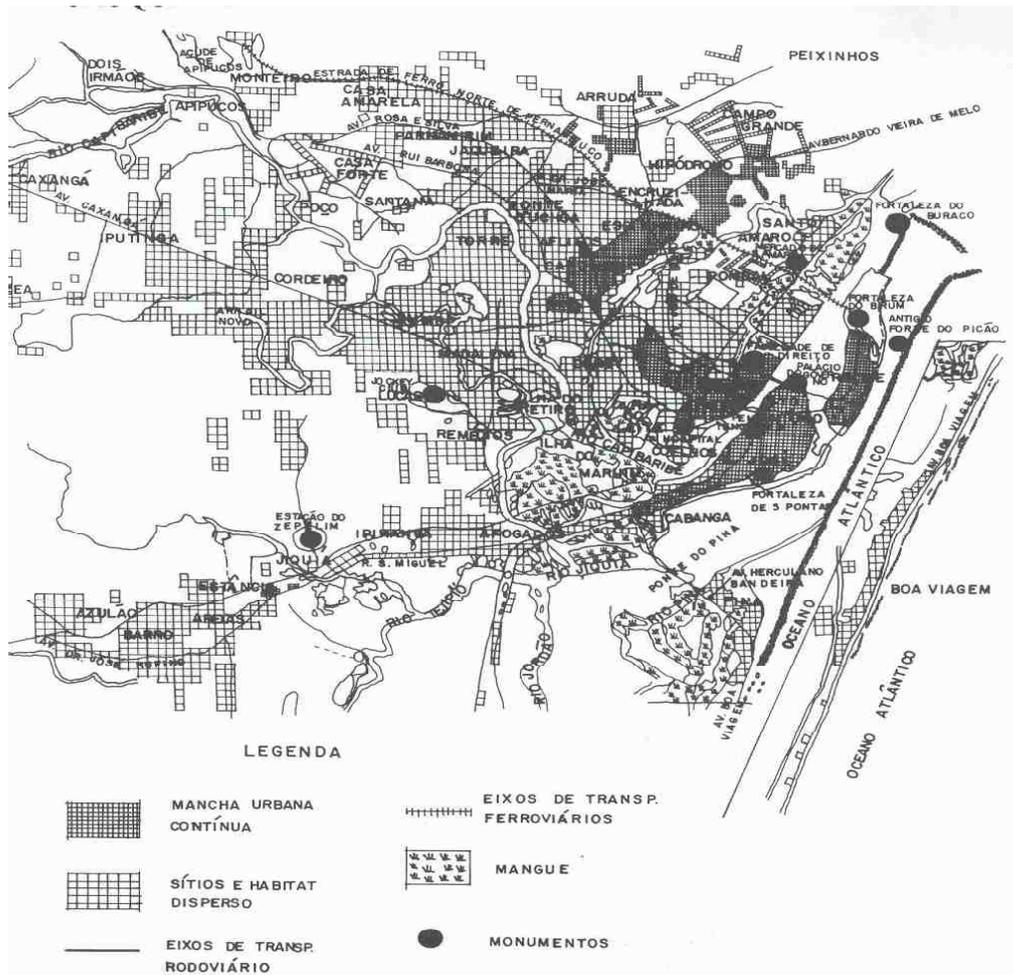


Fig. 12 – Mapa de Recife de 1932.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O melhor entendimento do presente acontece quando se tem conhecimento do passado. A representação do espaço conhecido pelo homem é traduzida através de documentos cartográficos que são instrumentos importantes quando se pretende estudar a evolução do espaço.

Quando Portugal se estabeleceu no Novo Mundo teve dificuldade em se adaptar a esse ambiente e desenvolveu técnicas para o uso do espaço e estratégias geopolíticas de domínio.

Na RMR com o domínio holandês, o espaço foi ainda mais explorado, pois foi apropriado por uma empresa que buscava lucro e desde cedo se preocupou em registrar todo o conhecimento necessário para alcançar o êxito que começou com a invasão do Recife em 1630. Do Sul, a cidade de Jaboatão por sua vez vem ao encontro de Recife fundindo-se nos morros dos bairros de Tejiptió, Coqueiral, Sancho e Alto

da Bela Vista. No Norte, a cidade de Olinda se encontra com Recife às margens do rio Beberibe.

Hoje a RMR é a maior metrópole do Nordeste e 5ª (quinta) maior do Brasil que concentra 65% do PIB estadual, sua área de influência abrange todo o estado de Pernambuco, além dos estados da Paraíba, Alagoas, a parte sul do Rio Grande do Norte, e o interior dos estados do Piauí, Maranhão e Bahia. A RMR é formada pelos municípios de Abreu e Lima, Araçoiaba, Cabo de Santo Agostinho, Camaragibe, Igarassu, Ilha de Itamaracá, Ipojuca, Itapissuma, Jaboatão dos Guararapes, Moreno, Olinda, Paulista, Recife e São Lourenço da Mata, onde vivem 3.688.428 de habitantes. Os maiores municípios são o Recife (1.536.934), Jaboatão dos Guararapes (644.699), Olinda (375.559) e Paulista (300.611). O litoral da Região Metropolitana do Recife possui a densidade demográfica é uma das maiores do País sendo 1.332hab./km² (IBGE, 2010).

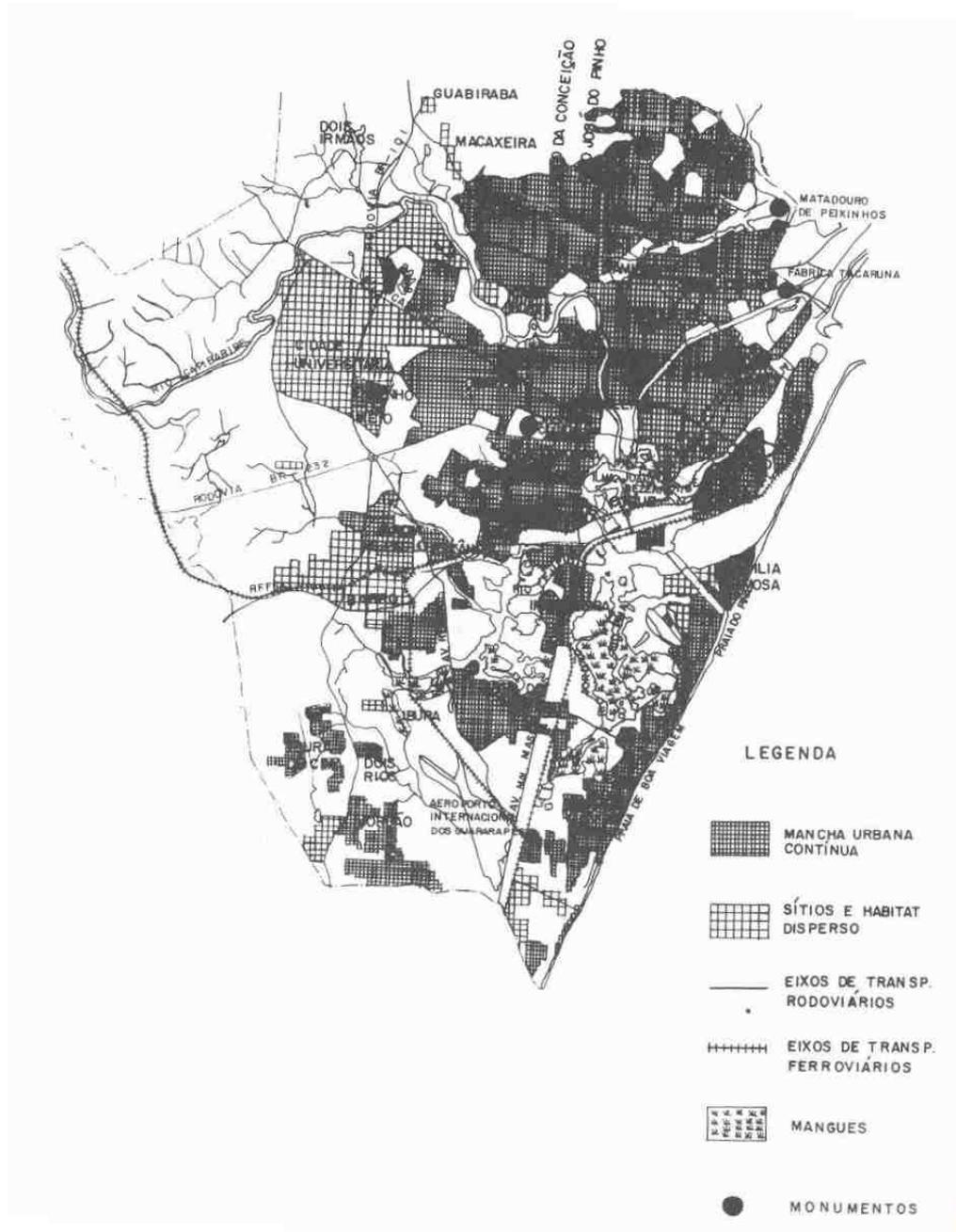


Fig. 13 – Mapa do Recife de 1951.

Tabela 2: Vôos realizados

| VÔO | SOLICITANTE | EXECUTOR | ESCALA | ANO |
|------------------------|---------------|--|----------|-----------------------|
| Projeto 8/FAB | SUDENE | 1° / 6° GVA/FAB | 1:30.000 | 1970 |
| Projeto 0-291 | CONDEPE / RMR | Serviços Aerofotogramétricos Cruzeiro do Sul | 1:6.000 | 1974 |
| Projeto 07 FAB / FIDEM | FIDEM | 1° / 6° GVA/FAB | 1:6.000 | 82, 83, 86, 88 e 1989 |
| Projeto FIDEM | FIDEM | Prospec S.A. | 1:6.000 | 96, 97 e 1998 |

BIBLIOGRAFIA

- BARRETO, A. M. **O Recife através dos Tempos: formação da sua paisagem.** FUNDARPE - Recife, 1994. 151p.
- CAMPOS, C. M. M. M. Q. **Boa Viagem um Processo de Transformação Acelerada.** Tese de Doutorado - Relatório de Pesquisa. Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto. Portugal, 1999. 263p.
- DUARTE, A. T. S. **As Relações Espaço-Temporais no Processo de Estruturação da Paisagem Urbana Recifense - Estudo de Caso: O Bairro de Boa Viagem.** Dissertação de Mestrado, Mestrado de Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1979. 179p.
- FREYRE, G. **Sobrados e Mocambos – Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento Urbano.** R. Janeiro, José Olympio, 1968. 968p.
- FERREZ, G. **Iconografia do Recife no Século XIX.** Recife, Comissão Organizadora e Executiva, 1954. 59p.
- IBGE, **Síntese de indicadores sociais.** Rio de Janeiro: IBGE, 1999. 59p.
- MELLO, J. A. G. de. **A cartografia holandesa do Recife: Estudo dos principais mapas da cidade, do período 1631-1648.** Recife: Parque histórico Nacional dos Guararapes/IPHAN/MEC, 65 p. 1976.
- MENEZES, J. L. da M. **Atlas Histórico Cartográfico do Recife,** Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1988. 110p.
- NEVES, A. L.; MENDONÇA JÚNIOR, J. L. **Os edifícios religiosos e a estrutura urbana dos bairros de Santo Antônio e São José – 1654-1800.** *Humanae*, v.1, n.1, p.1-13, Set 2007.
- SANTOS, M. Morfologia do tecido urbano. *In: Manual de Geografia Urbana.* Pp 171:181. São Paulo, EdUSP 2008.
- SEN, A. **Desenvolvimento com Liberdade.** São Paulo, Companhia das Letras. 2000. 416p.
- REIS, N. G. **Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial.** São Paulo, EdUSP 1997. 414 p.